
A identidade luso-brasileira e o catolicismo popular no efêmero da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte – RS

The identity Luso-Brazilian and popular catholicism in the ephemeral of Our Lady of Navigators' Feast of São José do Norte – RS

*Alessandra Buriol Farinha**
*Fabio Vergara Cerqueira***

Resumo: O presente trabalho tem como objeto analisar a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte – RS, cidade localizada na península ao Sul do Rio Grande do Sul. A festa é a mais antiga do Brasil com essa invocação, ocorrendo desde 1811. É uma importante referência religiosa e cultural local. O principal objetivo é identificar alguns elementos simbólicos da herança cultural luso-brasileira e do catolicismo popular presentes no efêmero da festa, que dão expressão e visibilidade à vila de pescadores ano a ano. Além disso, visa a refletir sobre a importância desses elementos e da festa para a comunidade nortense como um patrimônio cultural, que consolida identidades e a memória

Abstract: This paper has as object the Our Lady of Navigators' Feast of São José do Norte, a town on the peninsulas outh of the Rio Grande do Sul. The feast is the old est of Brazil with this invocation, occurring since the year 1811, being an important religious and cultural reference site. The main objective is to identify some symbolic elements of Luso-Brazilian cultural heritage and popular Catholicism present in the ephemeral of the feast, giving expression and visibility to the fishing village e very year. It also seeks to reflect on the importance of these elements and the party for nortense community as a cultural heritage, which consolidates identities and social memory, which also leads to question about the

* Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

** Doutor em Antropologia Social, com concentração em Arqueologia Clássica, pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Associado no Departamento de História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

social, o que leva também a questionar sobre a vulnerabilidade desse bem imaterial diante das atuais mudanças.

Palavras-chave: Festa de Navegantes. Memória. Identidade.

vulnerability of this good immaterial forward current changes.

Keywords: Navigators' Feast. Memory. Identity.

Introdução

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte – RS envolve diversos elementos que perpassam a memória, a identidade e a trajetória histórica do lugar. O principal objetivo deste artigo é identificar alguns elementos simbólicos da herança cultural luso-brasileira e do catolicismo popular presentes no efêmero da festa, que dão expressão e visibilidade à vila de pescadores ano a ano. Além disso, visa a refletir sobre a importância desses elementos e da festa para a comunidade nortense como um patrimônio cultural, que consolida identidades e a memória social, o que leva também a questionar sobre a vulnerabilidade desse bem imaterial diante das atuais mudanças.

O Município de São José do Norte encontra-se acerca de 370km de Porto Alegre. Faz parte de uma península situada entre o oceano Atlântico e a lagoa dos Patos. A maioria do território é constituída por campos, com vegetação rasteira e herbácea, típica da costa do Litoral Sul. (COSTAMILAN; TORRES, 2007, p. 13). O principal fluxo de ocupação do lugar era de portugueses vindos do arquipélago dos Açores.¹ Possui uma população aproximada de 25 mil habitantes. (IBGE, 2010). A economia ampara-se na pesca e na agricultura. A tradição portuguesa herdada da cultura açoriana é viva na cidade, principalmente no que tange à religiosidade e ao trabalho rural e à pesca.

A primeira Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte ocorreu em 1811. Foi idealizada por trabalhadores do mar, operadores de embarcações denominadas *catraias*, responsáveis pelo transporte de carga e descarga de navios atracados, pescadores e famílias, dentre outros, os quais iniciaram, nesse ano, um movimento de festividades religiosas em veneração à Virgem dos Navegantes, para pedir proteção e, ao mesmo tempo, agradecer pelo sustento que as águas propiciavam. Desde aquela época, quando o tempo permitia, a procissão marítima de Navegantes dirigia-se a Rio Grande, pelo canal do Norte,

quando os devotos embarcados recebiam a bênção litúrgica e após regressavam a São José do Norte. A Festa de Navegantes permanece ocorrendo na cidade anualmente, no dia 2 de fevereiro, sendo, assim, a mais antiga do estado. Desde 2008, é considerada patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul.²

A principal justificativa para a elaboração deste estudo é dar visibilidade à festa, vista como fenômeno sociocultural religioso, importante expressão da identidade social local. Outra motivação relaciona-se aos recorrentes investimentos em obras portuárias, aumento demográfico, transformações no território, criação de novas atividades, empregos, que estão gerando impactos na tradicional vila de pescadores. Nesse caso, o *progresso* também pode ocasionar o desaparecimento de referências e a diluição das identidades. (CANDAUI, 2011, p. 10). Pensando nessa situação de vulnerabilidade com relação aos bens culturais, é justificada a necessidade de pesquisar a memória da festa, interpretando algumas de suas representações e sua importância à comunidade.

A primeira parte do artigo se destina a estabelecer uma reflexão sobre a festa como um patrimônio cultural, momento de manifestação da memória social e consolidação das identidades. Logo, o texto traça breves considerações sobre a ocupação do território de São José do Norte e a origem da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes; após, a descrição etnográfica da festa e a análise de alguns elementos que remetem à cultura local e à herança do catolicismo popular luso-brasileiro.

A metodologia utilizada foi principalmente a observação participante nas festas de 2013, 2014 e 2015, quando foi possível fazer a descrição etnográfica, norteada pela teoria de Mauss (1924), situando a festa como um fato social total. É um fenômeno complexo, pois não há como fazer seções, separações, mas se considera o momento condensador da festa e o comportamento humano total, a vida social inteira, o que permitiu “entrevier, medir, ponderar as diversas motivações estéticas, morais, religiosas, econômicas, os diversos fatores materiais e demográficos”. (MAUSS, 1924). Além disso, foi feita uma pesquisa histórica da cidade e da festa, bem como a análise de fontes primárias, documentos e antigas fotografias.

A festa na perspectiva da memória, da identidade e do patrimônio

A memória é uma faculdade seletiva que faz com que o indivíduo seja capaz de se situar no tempo, no espaço, na sociedade. De acordo com Halbwachs (1990), o indivíduo necessita de um grupo social para que sua memória se materialize, se concretize. A memória, assim, pode se amparar em espaços, no material, nas ruas, nos prédios, no corpo social, nas comemorações, nas festas que podem ser chamadas de pontos de apoio da memória.

Ricoeur (2007, p. 502) considera o reconhecimento como o “pequeno milagre da memória”. Reconhecemos, cada vez que trazemos reminiscências do passado para o presente de um acontecimento rememorado, um estado de coisas novamente promovido à reconhecimento. “Todo o fazer-memória resume-se assim no reconhecimento”. (RICOEUR, 2007, p. 502). O autor chama a atenção, na epistemologia da memória, à importância da “memória feliz”, e a vontade de fazer emergir essas memórias.

No âmbito da religiosidade, Geertz (1989, p. 110) afirma que a atividade religiosa, a festa religiosa, induz a diferentes disposições, ao ânimo e à motivação, pois é um momento de fé, de esperança, de encontro, de comemorar. Assim, é possível aferir que a festa religiosa induz ao fazer-memória, ao reconhecimento, à repetição de rituais feitos por antepassados, corroborando com Geertz (1989), e à “memória feliz, apaziguada, reconciliada”. (RICOEUR, 2007, p. 504).

Comemorar, do Latim, *commemorare*, significa trazer à memória, fazer recordar, lembrar em conjunto, com determinada união de indivíduos para relembrar fatos passados. A comemoração se apropria de um tempo histórico, construindo e transmitindo a memória de determinado coletivo humano. A festa é “comemorada”, é uma rememoração que sintetiza os valores de certa comunidade, construindo, ressignificando crenças e valores, solidificando não apenas uma tradição, mas a memória social local como um todo. De acordo com Guarinello, a festa é

uma produção do cotidiano, uma ação coletiva que se dá em um tempo e lugar definidos, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto celebrado e comemorado, e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. (2001, p. 972).

Em uma festa religiosa, essa “concentração de afetos e emoções” pode ocorrer de diversas maneiras, utilizando elementos, objetos e linguagens peculiares da identidade cultural local, das vivências, marcando um tempo e um lugar na perspectiva da memória social, dando significado místico às ações, aos comportamentos, às movimentações que compreendem a festa. Esses elementos podem ser chamados de *símbolos*. Em uma festa religiosa, os símbolos podem expressar a fé, a devoção, o respeito, a esperança divina no porvir. (PELEGRINI, 2011, p. 233). Para Geertz (1989, p. 114), o homem tem grande dependência em relação aos símbolos e sistemas simbólicos a ponto de serem eles decisivos para sua viabilidade como criatura.

Uma festa religiosa e cada um de seus elementos constitutivos, representativos da comunidade, podem ser considerados patrimônios culturais imateriais. Consoante Funari e Pelegrini (2008, p. 84), a imaterialidade do sentimento religioso associa-os, de forma muito direta, ao patrimônio cultural imaterial, pois essa imaterialidade não tem valor calculável, é a exposição da vida, da expressão humana. Essa categoria patrimonial faz emergir, através de ações, ritos e rituais, sentimentos, tradições, crenças, costumes e a memória social de determinado coletivo. Em uma festa religiosa, o aspecto devocional, a fé, as diversas motivações possíveis presentes no rito tornam mais complexo o estudo da festa. De acordo com Pelegrini (2011, p. 252), a devoção, o ritual e a festa devem ser tomados como elementos da cultura que resistem à passagem do tempo, pois guardam sentidos de pertencimento entre os membros da comunidade.

Montenegro (2012) afirma que a partir da dinâmica da identidade cultural, são as pessoas, a paisagem, o espaço, o simbólico que definirão o que é o patrimônio, a memória social. Na Festa de Navegantes de São José do Norte, os elementos simbólicos, as ações e as práticas estão intensamente relacionadas aos modos de vida do lugar, às formas de subsistência, à paisagem e à herança da tradição lusa, não congelada nos dogmas e nas normas clericais, mas que ultrapassam as fronteiras culturais e territoriais do catolicismo português, adquirindo singularidades relacionadas à história do lugar, se transformando, descartando ou incorporando novos elementos lúdicos e sujeitos sociais. (PELEGRINI, 2011, p. 232).

A descoberta do significado desses elementos lúdicos, dos quais nos fala Pelegrini (2011), no âmbito da festa religiosa, é fundamental para

compreender como a memória se ampara no corpo social. Nesses elementos, podem estar implícitos os “saberes e fazeres” das pessoas, a alma popular, que determinam as singularidades da comunidade e a memória social de longa duração.

Pode-se afirmar que a festa religiosa é, assim, um conjunto de símbolos e ações, uma manifestação da memória social local ligada à cultura e, nesse caso, ao catolicismo, um patrimônio vivo, constantemente atualizado, sem deixar de ser uma tradição, transmitida de geração em geração. A emergência do estudo, do inventário dos bens imateriais consiste em identificar as condições materiais necessárias para que eles possam existir, tais como ambiente, matéria-prima, condições humanas. A Festa de Navegantes de São José do Norte pode ser enquadrada na política de salvaguarda dos bens de natureza intangível, tendo sua inscrição registrada, a exemplo de outras manifestações religiosas católicas no Brasil.

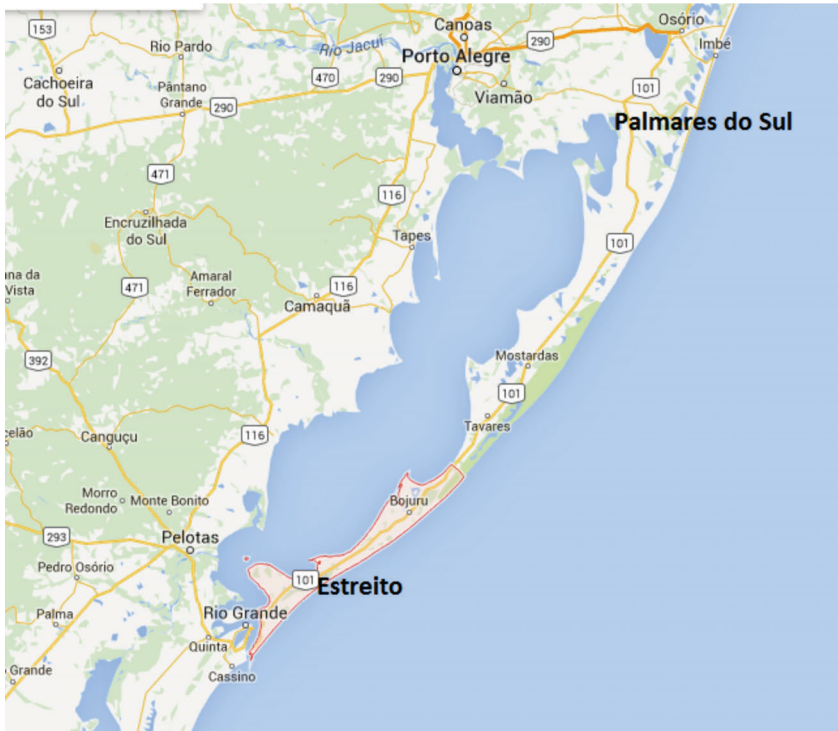
Breves considerações sobre a ocupação do território de São José do Norte e a origem da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes

Nessa grandiosa península, antigamente chamada de “Península do Pernambuco”,³ indicada na Figura 1, encontra-se o Município de São José do Norte, com território demarcado na cor vermelha.

O território foi de grande importância no quadro geopolítico da ocupação inicial do estado, ocorrendo, no lugar, incremento populacional e econômico decorrente de estratégias de conflitos no Prata. A ocupação do território não se deu onde é hoje a zona urbana, mas na localidade chamada de *Estreito*, por ser uma das mais estreitas faixas de terra da península entre o oceano Atlântico e a lagoa dos Patos. No ano de 1747, foram oferecidos, através de edital, lotes de terras do Sul do Brasil⁴ a casais oriundos do arquipélago dos Açores.⁵

A escolha do lugar de origem dos futuros habitantes do Sul do Brasil pode ter sido estratégica: por se tratar de um povo com habilidade no trabalho com as águas (pescado, navegabilidade) e com a agricultura; de famílias já constituídas (menor possibilidade de haver entre os imigrantes “aventureiros”, que poderiam trazer desordem à colônia), de pessoas hegemonicamente católicas (logo, “obedientes” à Igreja e ao Estado), por exemplo. De acordo com Pesavento (1985, p. 15), os chamados “casais d’El Rey” chegaram em grande quantidade em 1752, quando ocorreu o ponto alto da imigração.⁶

Figura 1 – Mapa da península ao Leste do Rio Grande do Sul, Brasil



Fonte: Google Maps (2015).

Os açorianos contemplaram o estado com grandes safras de trigo, contribuindo para a economia local. “Em 1787, já com 23 anos de cultura açoriana, a produção do trigo do Estreito é a maior da província, com 15.848 alqueires, representando 28% do total de 17 regiões produtoras”. (LAYTANO, 1968, p. 57). Assim, a cultura açoriana se incorporou nas tradições existentes no local e, como êxito no trabalho do campo no estreito, foi possível o surgimento do povoado de São José do Norte. (MATTOS, 1999, p. 26).

Durante a ocupação espanhola na vila do Rio Grande (1763-1777), de acordo com Bunse (1981, p. 16), no mínimo 60 famílias se refugiaram no estreito. Essa condição de refúgio para retirantes do Prata e do Rio Grande do Sul aliada à questão de ponto privilegiado para um contra-ataque aos espanhóis, de retomada do Rio Grande do Sul,⁷ deram, nessa fase da história, uma importância extraordinária à península. Essa

congregação populacional, hegemonicamente de origem portuguesa no entorno da capela de Nossa Senhora da Conceição foi, durante certo tempo, o ponto mais avançado dos portugueses, chamado de “Fronteira do Norte”. (BUNSE, 1981, p. 19).

Em consequência do desenvolvimento acelerado do lugar, a Provisão Eclesiástica e a Carta Régia e 18 de abril de 1822 elevaram a capela de São José do Norte à categoria de *freguesia*. E logo a freguesia foi desmembrada do Rio Grande, através de decreto regencial, de 25 de outubro de 1831, sendo criada a Vila de São José do Norte, dando-se a instalação do município em 15 de agosto de 1832. Com a Revolução Farroupilha, a vila se destacou pela resistência, lugar privilegiado geograficamente, com trincheiras naturais e extenso Litoral. Através do Decreto Imperial 91, de 31 de julho de 1841, foi determinado que a Vila de São José do Norte, daí em diante se denominaria “Mui Heroica Vila de São José do Norte”. Em 31 de março de 1938, através do Decreto 7.199, a vila foi elevada à categoria de *cidade*.

Na localidade do estreito, em meados do século XVIII, já existia uma capela em honra à Nossa Senhora das Candeias,⁸ que, algum tempo após, passou a se chamar Nossa Senhora da Conceição⁹ do Estreito. As atividades relacionadas à igreja (casamentos, batismos, crismas e outros sacramentos) foram intensificadas com a vinda dos açorianos, já acostumados com a tradição católica.

Amaral (1999, p. 217) afirma que provavelmente a religiosidade pode ter sido o “cimento social” que possibilitou a adaptação dos açorianos à nova terra. A religiosidade se expressava, através de ritos litúrgicos, missas, batismos, funerais, e unia, de certa forma, a comunidade, estreitando os laços. (AMARAL, 1999, p. 217). As festas religiosas contribuíam para essa sociabilização.¹⁰ De acordo com Jancsó e Kantor (2001), em ocasiões festivas, as pessoas recebiam, davam e retribuía, pondo em circulação solidariedades, mercadorias, costumes e regras que orientavam a vida social, procurando impor uma “ordenação formal a um mundo aparentemente instável”. (2001, p. 11).

A intensa devoção à Nossa Senhora dos Navegantes em São José do Norte, provavelmente, é uma herança cultural desses colonizadores portugueses descendentes de açorianos. Porém, vale ressaltar que é uma tradição que, desde o início e ao longo dos anos, foi constantemente ressignificada e incorporada em diversos aspectos, com a inferência

também de etnias e culturas distintas, o que torna o fenômeno *Festa de Navegantes* complexo, abrangente e heterogêneo, de profundo interesse interdisciplinar.

A primeira Festa de Nossa Senhora dos Navegantes ocorreu em 1811, época em que a capela era sucursal da igreja de Nossa Senhora da Conceição do Estreito. (COSTAMILAN; TORRES, 2007, p. 107). Não existia, no lugar, uma imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, então, provisoriamente, foi utilizada para as primeiras procissões uma imagem de Nossa Senhora do Rosário. Da lição dos autores, a data escolhida para que essa festividade acontecesse, e que foi apoiada pelo vigário da povoação do Norte, foi 2 de fevereiro, data em que, tradicionalmente, se comemora a apresentação de Jesus no templo e a purificação da Virgem Maria.

A motivação para os festejos partiu de alguns homens trabalhadores, operadores das chamadas *catraias*, que faziam o embarque e o desembarque dos navios que se encontravam fundeados no canal. Catraias são pequenas embarcações, conduzidas por apenas um homem, responsáveis pelo transporte de pessoas e/ou de produtos. Elas circulavam pelo canal, principalmente para desembarcar ou embarcar produtos nos barcos maiores, que não conseguiam se aproximar da margem. Esse tipo de embarcação, especificamente, aparece no relato de August Saint-Hilaire, em passagem por São José do Norte:

Hoje fui passear na aldeia Norte, situada na extremidade da península que separa a Lagoa dos Patos do mar. Embarcações, chamadas *catraias*, movidas tanto a remo como à vela, servem para o transporte de pessoas entre o Rio Grande e o Norte. Os habitantes da região distinguem esses dois lugares simplesmente pelos nomes sul e norte, mas a aldeia do norte se chama, propriamente, São José do Norte. (1987, p. 67).

Dessa forma, no dia 2 de fevereiro de 1811, a imagem de Nossa Senhora do Rosário foi levada em um andor em direção aos navios fundeados na lagoa, dos quais os tripulantes, em um gesto devocional, lançavam flores à imagem da Virgem Maria e logo as catraias regressavam. No decorrer dos anos, quando o tempo permitia, as catraias estendiam esse percurso até a Vila do Rio Grande, onde recebiam a benção litúrgica.

Em meados do século XIX, foi construída a nova igreja de São José do Norte, inaugurada em 1860, sendo, na época, o templo mais expressivo da região (Figura 2).

Figura 2 – Fachada da Matriz São José, em São José do Norte – 2015



Fonte: Acervo particular dos autores.

Em 21 de dezembro de 1875, o templo de São José do Norte recebeu uma imagem de Nossa Senhora dos Navegantes (Figura 3). A imagem foi feita na Bahia e levada à igreja de Nossa Senhora da Conceição, permanecendo lá até 30 de janeiro de 1876, quando foi levada em procissão à sede de São José do Norte, para a nova igreja. (COSTAMILAN; TORRES, 2007, p. 108).

Figura 3 – Imagem de Nossa Senhora dos Navegantes – 2015



Fonte: Acervo particular dos autores.

Elementos da identidade luso-brasileira e do catolicismo popular no efêmero da Festa de Navegantes

O efêmero remete diretamente à cultura material da festa, fazendo dos materiais rotineiros [...] grandes obras. O efêmero delinea-se pelo campo imagético – arquitetura, pintura, escultura – com um forte senso de decoração. A decoração aqui não é adorno descartável, penduricalho, antes participa do ser, constituindo-o [...]. O efêmero conjuga ainda bailados, danças, coreografias, combates, máscaras, bailes, paradas, desfiles, procissões, comes e bebes, banda de música, fogos de artifício. Tais elementos acabam por lhe conferir forte conteúdo e apelos visuais que casam com o movimento contido, frenético, ritmado, alvoroçado, constante, dos bailados, das luzes, dos fogos, dos lenços com as construções estáticas. (SOUZA, 2001, p. 555).

Os cantos, o rito, a fé, as bandeirolas azuis e brancas que decoram a igreja matriz de São José do Norte, as bancas de *souvenirs*, as velas, as flores, os peixinhos de crochê e barquinhos artesanais dispersos na decoração da igreja e da imagem da Virgem Maria, a solenidade do clero (bispo diocesano, pároco e outros padres visitantes, ministros, diáconos) e leigos, a banda da Prefeitura Municipal, centenas de devotos e suas famílias confraternizam, e as embarcações decoradas com balões e bandeirolas coloridas, repletas de devotos acompanham os festejos, buzinando, bebendo, comendo, soltando foguetes, gritando, fazendo suas oferendas. Os pés descalços pelas ruas do centro histórico e tantos outros podem ser considerados ícones do efêmero e que se encontram presentes no dia 2 de fevereiro na Festa de Navegantes de São José do Norte. Utilizando a reflexão acerca da citação destacada acima, de autoria de Souza (2001), pode-se afirmar que esses ícones e as manifestações humanas do dia da festa dão movimento, pulsação, vida à cidade, às “construções estáticas”, lhes dando sentido, identidade, conferindo conteúdo e mostrando como são indissociáveis o patrimônio edificado, e a vida e manifestações que o circundam, chamado patrimônio cultural imaterial.

Identificou-se que esses elementos, ícones do efêmero, presentes, como o próprio nome diz, “no dia” da festa, relacionam-se diretamente com a vida social local, com os modos de vida, com a cultura principalmente ligada à ascendência portuguesa. A Festa de Navegantes, nesse sentido, além de ser uma festa de devoção mariana com a qual os moradores se identificam e fazem homenagens, é uma celebração da vida local, da herança cultural legada e dos frutos das águas e da terra, do trabalho, da saúde, da família: Uma memória social de longa duração que se mantém ao longo de mais de dois séculos.

Os símbolos da festa vivem nas memórias individual e coletiva de quem participa da Festa de Navegantes há mais tempo, remetendo a tempos passados. “A imagem detona a memória, a instila, e condensa as imagens que portam essa carga afetiva”. (SOUZA, 2001, p. 565). Na visão da autora, em uma sociedade marcada pela oralidade, a memória acesa pela percepção visual pode condensar vários elementos do passado. A comemoração da festa é a possibilidade de recontar, de rememorar, de lembrar aos familiares, aos filhos, aos vizinhos, de ensinar aos visitantes o que se passou naquele lugar, reatualizando a memória social. Para este artigo foram selecionadas algumas peculiaridades da festa, que se

relacionam à tradição portuguesa e à do catolicismo popular, elementos que remetem à identidade, ao trabalho, ao cotidiano dos que fazem a festa: os nortenses.

Conforme dito, as fases que compreendem a Festa de Navegantes obedecem a critérios tradicionais de uma festa religiosa de matriz lusa, fazendo uso e privilegiando os espaços público e coletivo, tanto nas ruas da cidade quanto nas águas que ligam a lagoa dos Patos ao oceano Atlântico. Souza (2001, p. 553) revela que a data da festa e o local de sua encenação são elementos decisivos para o efêmero. A data abre o tempo do rito, remetendo a uma carga simbólica ao sincronizar-se com o calendário católico-cristão. A data da realização da Festa de Navegantes coincide com a época de abertura da temporada de pesca de camarão, um dos produtos mais importantes para a subsistência das famílias de pescadores nortenses, caracterizando um exemplo da representação simbólica da festa como espaço-tempo para pedir a graça de uma boa safra, que “salgue” a lagoa, como refere em depoimento o ex-pescador Natálio Viana, 85 anos: “A Lagoa não cria nada, se não entra água salgada, não cria. Se salga [a lagoa] se cria ‘aquele’ peixe, [...] o camarão [...], senão não!”

Em todos os anos, nos nove dias que antecedem a festa (do dia 24 de janeiro ao dia 1º de fevereiro), ocorre a novena, que são nove dias de missas diárias, às 21h, na igreja matriz de São José do Norte, organizadas pelas diversas comunidades que compõem a paróquia, congregando lideranças, devotos, comunidade em geral em preparação ao grande dia do festejo do dia 2. Mesmo estando no período de férias, há intensa participação nas missas da novena. Durante os dias de novena, percebeu-se um ambiente de encontro, de congregação, de harmonia e solidariedade entre os participantes nas celebrações na matriz, o que nos remete à questão da dádiva. (MAUSS, 1924, p. 14). O autor afirma que a sociedade complexa teve como base as relações das sociedades arcaicas, onde havia encontros, rituais e festas, e as trocas não eram apenas de bens e riquezas, mas de amabilidades, afetos, amizades, camaradagens, perpetuações de dádivas (obrigação em dar, receber e retribuir). (MAUSS, 1924, p. 69).

Na manhã do dia da Festa de Navegantes, 2 de fevereiro, “movimento, pulsação, vida” nas “construções estáticas”, na vila de pescadores, começam cedo, há uma missa às 7h e uma às 10h30min. Nessas missas, especificamente no momento do ofertório, foram

identificados elementos ligados à tradição luso-brasileira, conforme ilustra a Figura 4, no altar da Matriz São José. Nela se vê em destaque um peixe (congelado, para evitar decomposição), um barco e uma rede de pescaria (ambos artesanais, em miniatura) uma carteira de trabalho, uma réstia de cebolas e um cesto de hortifrutigranjeiros.

Figura 4 – Objetos no altar da missa solene na Festa de Navegantes – 2015



Fonte: Acervo particular dos autores.

Os objetos expostos foram ofertados, colocados “nas mãos” da Virgem Maria. São representações claras, objetivas para que a Virgem Maria abençoe as atividades laborais da comunidade que, conforme dito, se baseiam na pesca e na agricultura, ambas culturas difundidas, aperfeiçoadas pelos açorianos quando chegaram ao lugar. De acordo com Hansen (2001, p. 738), a “representação significa o uso de signos no lugar de outra coisa: no festejo são roupas, cores, cenas, personagens e alegorias postas no lugar, por exemplo, de princípios abstratos e posições da hierarquia”.

Sobre as ofertas mencionadas acima, é possível estabelecer uma reflexão baseada em Mauss (1924). De acordo com esse autor, os objetos têm alma, não são apenas matéria, mas contêm parte de quem os doa – o doador dá algo de si no objeto. Em contrapartida, na teoria da dádiva de Mauss (1924), existe a obrigatoriedade tanto em receber quanto em retribuir. Portanto, é possível pensar que, doando os frutos do seu trabalho, de seu suor, os devotos de Navegantes, de certa forma, esperam algo em troca, a retribuição divina, ou seja, uma boa safra, um emprego, de acordo com os objetos relacionados ao trabalho, pois a doação pessoal, de entrega da vida, também pode ser retribuída através de boa saúde, de cura de uma enfermidade, de gestação desejada e de outros tantos processos de doação (que podem ser chamados de ofertas) e esperam como retribuições para essas dádivas pessoais que podem ocorrer na Festa de Navegantes.

A teoria da dádiva mencionada também pode ser aplicada na festa sob outra perspectiva. Nesse contexto, é importante enfatizar a relação existente na Festa de Navegantes, entre a prosperidade da cultura pesqueira e a agrária no ano anterior e a grandiosidade da festa. De acordo com a fala local, quando as safras agrárias e de pescado são boas, a festa é maior, a igreja ganha pintura e manutenção, fica mais enfeitada, há mais barcos participando; em suma, a festa é literalmente mais *rica*. A boa safra é um dom, uma bênção recebida e que deve ser retribuída. Isso justifica a disposição dos elementos no altar, a esperança de um futuro melhor e, ao mesmo tempo, o agradecimento pelo sustento que a terra e as águas lhes dão.

A relação que se estabelece entre os objetos dispostos no altar e a tradição luso-brasileira trazida e aperfeiçoada pelos açorianos é evidente. Talvez pela condição de isolamento da península, conserva-se na cidade a hegemonia da religiosidade católica e o modo de vida ligado à subsistência pelos frutos das águas e da terra. Conforme dito, celebra-se, na Festa de Navegantes, essas riquezas e esses dons do passado e do presente.

No decorrer da festa, após o almoço festivo no salão paroquial, às 15h, ocorre a procissão marítima, momento considerado o ponto-alto da festa. A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, em andor em forma de barco (Figura 5), juntamente com as imagens de São José (Padroeiro da Cidade), de São Pedro (o “apóstolo-pescador”) e do Sagrado Coração de Jesus, embarca no cais do porto, cada uma em sua embarcação, para a procissão marítima.

Figura 5 – Imagem de Nossa Senhora de Navegantes sendo conduzida ao cais do porto para a procissão marítima (2015)



Fonte: Acervo particular dos autores.

Nas águas, centenas de embarcações enfeitadas com bandeiras coloridas, às vezes com famílias inteiras embarcadas e mais vizinhos e amigos, buzinam, e s fiéis comendo e bebendo, fazem a “sua” festa particular. Acompanham também embarcações oficiais da Polícia Federal, da Capitania dos Portos, da Marinha do Brasil, do Exército, dos Bombeiros. A procissão marítima percorre as águas da lagoa dos Patos em direção ao oceano Atlântico, passando, na volta, por todo o cais do porto antigo de Rio Grande. A procissão percorre a margem do Rio Grande até certo ponto, pouco depois do mercado público municipal e retorna a São José do Norte para o desembarque dos fiéis e das imagens.

Durante a procissão marítima de 2013, ocorreu um fato que pode ser caracterizado como de intensa influência da tradição luso-brasileira, com relação ao catolicismo popular e à importância centralizada na imagem dos santos. Um pescador desconhecido, que estava participando da procissão, conduzia em seu barco uma réplica em miniatura de um barco, com uma pequena imagem de Nossa Senhora dos Navegantes (Figura 6).

Figura 6 – Pescador no barco *Senabio* na procissão marítima da Festa de Navegantes (2013)



Fonte: Acervo particular dos autores.

Ao avistar, na procissão, a bordo de um barco maior, as pesquisadores registrando fotografias da festa, o pescador gritou: “– *Ei moça, tira foto da minha Nossa Senhora também!*”

Esse momento e essa ação podem ser interpretados de diversas maneiras. Primeiramente, pode ser caracterizada como uma demonstração da intensa devoção à Virgem Maria, a partir da expressão individual de um pescador nortense, que quis não apenas ser identificado pela sua atividade laboral, mas como um pescador nortense na procissão de Navegantes, explicitamente devoto da Virgem Maria. Ele queria que se fizesse uma fotografia registrando essa sua característica, que fazia sentido para ele, que o identificava. Pode, também, ser identificada uma noção de pertencimento àquele momento, de “exibir” sua fé, sua devoção e sua identidade não apenas espiritual, mas a de um pescador.

Outro aspecto interessante a ser observado é relativo à veemência do catolicismo popular: a veneração de imagens de santos, representados pela imagem da Virgem Maria em destaque no barco. Pode-se refletir, também, sobre as razões que levaram o pescador a pedir para ser fotografado, satisfazendo sua vontade de fazer parte do conjunto de imagens da Festa de Navegantes que estavam sendo coletadas. Ele quis fazer parte da história da festa. A afecção, a devoção pela imagem da Virgem Maria, a vontade de que esse objeto participasse da festa, recebesse bênçãos e levasse para casa, para os seus, são características da espiritualidade do catolicismo popular, trazida ao local pelos portugueses açorianos.

No final da procissão marítima, após o desembarque, ocorre a procissão terrestre pelas ruas do centro histórico da cidade com as quatro imagens: Nossa Senhora dos Navegantes, São José, São Pedro e Sagrado Coração de Jesus. Participam da procissão terrestre a maioria dos devotos que estava embarcada, participando da procissão marítima e os que ficaram aguardando no cais do porto. É, assim, um momento que congrega, provavelmente, a maior multidão em torno da Festa de Navegantes, caracterizado por demonstrações de fé e intensa devoção. Há pagadores de promessas, crianças vestidas de anjos, pessoas descalças e outros.

Outra característica ligada à tradição portuguesa oriunda do catolicismo popular, que envolve tanto a procissão marítima quanto a terrestre, é a mescla de vários santos em um mesmo lugar. Na Festa de Navegantes, além da devoção principal centrada na Virgem Maria, são

venerados e levados em procissão até as águas e o centro histórico, a imagem de São José, de São Pedro e do Sagrado Coração de Jesus, nessa ordem, como se pode ver na Figura 7. Essa configuração também ocorre até a atualidade em Festas de Navegantes em Portugal.

Figura 7 – Imagem dos santos durante a bênção da estação hidroviária na Festa de Navegantes (2013)



Fonte: Acervo particular dos autores.

Durante a procissão terrestre, ocorrem as “paradas” para dar bênção a lugares públicos, e as casas das ruas por onde passa a procissão são abertas, e os moradores saem para ver os santos passarem; a cidade, como já mencionado, desde as primeiras horas do dia, ganha “*movimento, pulsação, vida*” nas suas “*construções estáticas*”. A multidão em procissão segue pelas ruas em direção à igreja matriz de São José, onde as imagens dos santos são conduzidas para o interior da igreja. A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes fica no topo das escadarias, há o sorteio dos festeiros que farão a organização do evento no ano seguinte, com comemoração e homenagens. Encerrando a cerimônia, há a bênção final do pároco, a imagem volta para o interior da igreja e procedem às apresentações musicais.

Os diversos momentos que envolvem a festa, acima descritos, resumidamente, são caracterizados com orações, louvores, cânticos, banda musical, pagadores de promessas e grande festa popular. Foi possível perceber que participam da festa, além do clero, autoridades civis e militares, trabalhadores do mar, pescadores, comerciantes, idosos,

crianças, jovens e adultos de variadas idades, dentre outros agentes sociais. A segurança, tanto em terra quanto nas águas, é reforçada pela Guarda Municipal, pelas Polícias Militar, federal, por agentes da Marinha, do Corpo de Bombeiros e da Capitania dos Portos. Durante a festa, a multidão assiste às missas, ocupa os barcos para a procissão, há uma caminhada pelas ruas do centro histórico e também por ruas adjacentes. As lanchas que dão acesso à cidade, vindas de Rio Grande, na praça principal, as bancas de alimentação, os bares, o comércio informal, dentre outros espaços, todos celebram a festividade.

A memória de longa duração, descrita acima através da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes é percebida em cada detalhe do efêmero da festa, na expressão da religiosidade, no valor atribuído ao fruto da terra e das águas, na congregação das famílias, dos vizinhos e amigos entre si, aspectos repetidos por várias gerações de nortenses, criando uma memória social consolidada em São José do Norte.

Considerações finais

É possível aferir que a Festa de Navegantes de São José do Norte é eminentemente popular, ritualística, penitencial, com exposição pública da fé, vinculada ao território, ao labor do pescador, do trabalhador marítimo e envolve vários setores da sociedade: o setor econômico, a administração pública, a segurança. A festa revela a profunda religiosidade que permeia a sociabilidade local, ligada não apenas à herança cultural luso-brasileira, mas ao catolicismo popular, comum em lugares de difícil acesso, à tradição pesqueira e à rural, os quais marcam a memória social do local.

Os resultados obtidos indicam que a festa é um momento tradicional da celebração da memória social, da história e identidade dos nortenses. Integra-se, portanto, na perspectiva de um importante patrimônio cultural imaterial luso-brasileiro, pois é a memória viva de gerações de nortenses, anualmente reatualizada e ressignificada.

Buscamos descrever e interpretar alguns elementos simbólicos da devoção no efêmero da Festa de Navegantes. O fato de ser uma península, banhada por águas oceânicas, da lagoa dos Patos e das lagoas internas, que abrigam pessoas com a identidade intensamente ligada às águas, ao trabalho marítimo, à navegabilidade, aos frutos dessas águas e desta terra intensifica a identificação e a devoção à padroeira dos trabalhadores do mar.

A Festa de Navegantes pode ser caracterizada como um suporte de memória de longa duração, com significados relacionados à história, que podem explicar como a memória transita nos espaços. A igreja, a praça principal, as ruas, o porto, os barcos, as águas são alguns dos lugares da Festa de Navegantes, que ganham outra significação com a festa: ganham “movimento, pulsação, vida”. O momento da festa é caracterizado pelo encontro, pela socialização e oração; é tempo de rever os amigos e familiares, de passear de barco, de cantar, de comer, de beber, de pedir a Nossa Senhora de Navegantes a saúde almejada, um porvir melhor, sintetizando momentos de alegria, que vão gerar a “memória feliz, apaziguada, reconciliada”. (RICOEUR, 2007, p. 504).

Durante a festa, são mencionados aspectos relativos à comunidade: relações sociais, de violência, economia, fé, conflitos, dificuldades, gratidão. Assim, se percebe que, corroborando o dito por Guarinello (2001, p. 974), há um diálogo, uma abertura no momento da festa, quando fluem discursos que, de certa forma, fazem a moldura da festa, inscrevendo-a nas memórias individual e coletiva dos participantes.

Chamon (2001, p. 598) afirma que analisar os dados de pesquisa sobre uma festa significa, de certa forma, empobrecê-la, tão múltipla e complexa ela é em perspectivas de análise e amplitude de contextos e motivações. A festa não deve ser *reduzida* ao sucesso ou ao insucesso de ter (ou não) atingido seus objetivos. Na verdade, de acordo com a autora, nenhuma festa atinge seus objetivos, pois, no final, os homens encontram-se novamente divididos. Guarinello (2001, p. 971) afirma que o objetivo da festa esgota-se em si mesmo, ou seja, a reunião comemorativa que constitui a festa é seu próprio objetivo, seu *leitmotif*.¹¹

Notas

¹ A ocupação açoriana é hegemônica. Não houve outra imigração de etnia no local. O estabelecimento de portugueses legítimos na península seria uma maneira “segura” de ocupação, pois estariam a favor da Coroa portuguesa. O arquipélago dos Açores, hoje, é região autônoma, formada por nove ilhas: São Miguel, Santa Maria (parte oriental), São Jorge, Terceira, Pico, Faial, Graciosa (parte central), Flores e Corvo (parte ocidental). (AMARAL, 1999, p. 270).

² Lei Estadual 12.988, de 13 de junho de 2008.

³ De acordo com o Primeiro Lustrô da Diocese de Pelotas (1911-1916).

⁴ O Rei D. João V mandou colocar, nas ilhas do arquipélago dos Açores, um edital para o alistamento dos candidatos para realizarem sua imigração para o Brasil, num verdadeiro transplante dessas populações. (AMARAL, 1999, p. 270).

⁵ O nome *Açores* advém de um pássaro denominado “açor”, muito abundante nas ilhas. O solo das ilhas é eminentemente vulcânico, muitos de seus picos são crateras de vulcões que podem entrar em erupção a qualquer momento. O arquipélago dos Açores começou a ser povoado em 1640 por portugueses, flamengos e por descendentes de origem mourisca. (AMARAL, 1999, p. 271).

⁶ Mesmo que tecnicamente seja uma imigração, é de praxe, na historiografia brasileira, referir-se à imigração no processo

iniciado a partir de 1824 com os alemães e, posteriormente, com outros tantos grupos. A vinda de colonizadores até o XVIII não é caracterizada como imigração.

⁷ A retomada do Rio Grande do Sul ocorreu em 1776, em ataque liderado pelo Tenente-General João Henrique de Boehm, com cerca de 2.565 soldados. Os espanhóis foram definitivamente expulsos do Estado.

⁸ Também chamada de Nossa Senhora da Candelária, ou de Nossa Senhora da Luz. Devoção de origem espanhola, surgida nas ilhas Canárias, no século XVI. Em pesquisa de campo em São José do Norte, um dos depoentes comentou que Nossa Senhora dos Navegantes também é chamada de Nossa Senhora das Candeias, pois, à noite, a orientação dos barcos na escuridão se dá através de luzes, de candelabros que iluminam as águas, por isso, Candeias.

⁹ Nossa Senhora da Conceição é a padroeira de Portugal.

¹⁰ Em pesquisa de campo, percebeu-se essa dinâmica das festas religiosas, principalmente nas comunidades de pescadores no interior do município. Há uma congregação, uma importância em participar, em levar a família às festas que possuem similaridades: a missa, o almoço, a procissão, o baile, o jantar, enfim, diversos momentos de socialização, de troca de experiências, de brincadeiras com as crianças, etc.

¹¹ Do alemão, “motivo condutor”.

Referências

- ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. *Ensaio de história do Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1996.
- AMARAL, Ivone Leda do. A sociedade de Nossa Senhora da Conceição do Estreito e contribuição açoriana na formação cultural do Rio Grande de São Pedro. In: JACCOTTET, Alda Maria de Moraes (Org.). *A largueza histórica do Estreito*. Pelotas: Ed. Universitária, 1999.
- BUNSE, Heinrich Adam Wilhelm. *São José do Norte: aspectos linguístico-etnográficos do antigo município*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- CANDAU, Joel. *Antropologia de la memoria*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.
- CANDAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. *Revista Memória em Rede*, v. 1, n. 1, p. 43-58, 2009. Disponível em: <<http://lasmic.unice.fr/PDF/candau-article-10.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2013.
- CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- CHAMON, Carla Simone. O Tejuco faz a festa. Festejo cívico no arraial do Tejuco em 1815. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- COSTAMILAN, José Fernando; TORRES, Luiz Henrique. *São José do Norte: o início de um povoamento*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2007.
- FERRETTI, Sérgio F. Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil - modelos, limitações e possibilidades. *Tempo*, v. 6, n. 11, p. 13-26, 2001.
- FORTES, João Borges. O povoamento inicial do Rio Grande. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RS*, Porto Alegre: IHRGS, 1934.
- FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. *O que é patrimônio cultural imaterial*. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989.
- GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 969-975.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Rio de Janeiro: Vertoce, 1990.
- HANSEN, João Aldo. A “representação” nas festas coloniais. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico de 2010*. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=21&uf=43>>. Acesso em: 10 jul. 2015.
- IPHAÉ. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado. *Bens Tombados*. Disponível em: <<http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=55700>>. Acesso em: 10 jul. 2015.
- JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (Org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- LAYTANO, Dante de. Os açorianos. In: BECKER, Klaus. *Enciclopédia Rio-Grandense*. Porto Alegre: Sulina, 1968. v. 1.

- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. *Sociologia e Antropologia*, São Paulo: EPU; EDUSP, 1974.
- MATTOS, Mario Barboza de. Estreito: glória sob as areias. In: JACCOTTET, Alda Maria de Moraes (Org.). *A largueza histórica do Estreito*. Pelotas: Ed. Universitária, 1999.
- MONTENEGRO, Monica. *¿Lugares sagrados o sitios arqueológicos? Re-apropiación de paisajes culturais como patrimonio local, a partir de propuestas de arqueologia pública e nel Nordeste Argentino*. Mini-curso proferido na UFPel/ICH/PPGMP, 2012.
- PELEGRINI, Sandra C. A. Tradições e histórias locais: as esperanças nas bandeiras do Divino em São Luiz do Paraitinga (São Paulo – Brasil). *Revista Patrimônio e Memória*, v. 7, n. 1, p. 231-256, 2011. Disponível em: <<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/199>>. Acesso em: 11 dez. 2014.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.
- SOUZA, Iara Lis Carvalho. Liturgia real. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Íris (Org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec, 2001.

Entrevista

VIANA, Natálio, 85 anos, ex-pescador nortense. Em entrevista concedida aos autores no dia 6 de janeiro de 2015.